



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O USO DA TECNOLOGIA EM SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

ROZILENE BELO BARROS DOS SANTOS

PATRICIA FERREIRA DE MAGALHÃES

SHIRLEY GILO SOBRINHO MARTINIANO

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa que buscou investigar a relação professor e o uso do computador em suas práticas pedagógicas, e como esses profissionais estão se apropriando dessa ferramenta no processo ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo procura fazer uma reflexão sobre a necessidade dos professores inserirem as TIC durante as suas atividades profissionais com seus educandos, mediante a importância que a tecnologia tem na sociedade atual. Para a sua realização buscou-se conhecer o perfil dos envolvidos, por meio da elaboração de um questionário aplicado com alguns professores de uma escola estadual localizada no município de Rio Lago, AL.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Tecnologia; Formação profissional.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación que investigó la relación entre el maestro y el uso del ordenador en sus prácticas de enseñanza y cómo estos profesionales están apropiando de esta herramienta en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Al mismo tiempo, se busca reflexionar sobre la necesidad de maestros para insertar las TIC por sus actividades profesionales con sus estudiantes, por la importancia que tiene la tecnología en la sociedad actual. Para su consecución tratado de conocer el perfil de los participantes, a través del desarrollo de un cuestionario para

algunos maestros de una escuela pública en el municipio de Lago Ríó, AL.

PALABRAS CLAVE: Educación; la tecnología; Formación profesional.

INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver um estudo sobre este tema nasceu basicamente a partir da observação em sala de aula, sobre o papel fundamental que tem a tecnologia em nossa sociedade e o receio de alguns professores em utilizar tais ferramentas. Apesar das novas tecnologias exigirem um novo perfil do trabalhador, tem-se assistido de maneira efetiva nas escolas um distanciamento entre o uso das TIC, por parte de alguns professores.

Assim, o uso da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), principalmente o uso do computador, tornou-se uma ferramenta importante para o acesso às informações, além de proporcionar novas formas de aprendizagens.

O rápido desenvolvimento tecnológico e a sua penetração nas instituições sociais nos últimos anos têm provocado grandes mudanças no interior de nossa sociedade sejam elas, econômicas, culturais e principalmente na educação. A introdução das TIC em nossa sociabilidade é posta como algo inerente à ordem vigente. Assim a escola, ao apropriar-se dessa ferramenta no uso de suas práticas pedagógicas, condiciona o professor a rever seu procedimento metodológico de ensino.

De modo que, o professor ao rever sua maneira de transmitir conhecimentos depara-se com um novo para o qual ele não está preparado. Esse profissional, ao perceber-se diante dessa situação, consciente ou inconsciente por não saber fazer uso dessa forma de conhecimento acaba por rejeitá-la.

Evidentemente que, mudar a postura de alguns professores, não se constitui uma tarefa fácil. A mudança nesse caso, segundo nosso entendimento implica em medo diante do novo, o que acarreta gerando insegurança a esses profissionais.

Conforme Masetto:

Essa mudança de atitude não é fácil. Estamos acostumados e sentimos seguro com o tradicional de comunicar ou transmitir algo que conhecemos muito bem. Sair dessa posição, entrar em diálogo direto com os alunos, correr o risco de ouvir uma pergunta para a qual não temos resposta, e propor aos alunos que pesquisemos juntos para buscarmos resposta – tudo isso gera um desconforto e uma grande insegurança (MASETTO, 2004, p. 142).

O aluno da era tecnológica não é mais aquele aluno passivo, todavia, o papel de alguns professores ainda continua sendo o papel de doador de conhecimento, o que faz com que ele se torne apenas um mero transmissor de conhecimento. É preciso que nós, enquanto professores, levemos em consideração que o conhecimento é construído.

Além do mais é relevante que o professor compreenda o perfil de seus alunos, sendo também necessário repensar a natureza do processo ensino-aprendizagem, de maneira a transmiti-la, fazendo uso das TIC, objetivando viabilizar melhor ensino-aprendizagem, não apenas lhes preparando para a inserção no mercado de trabalho.

Corroborando com nosso pensamento Moran afirma que, o papel do professor “é de ajudar o aluno a interpretar dados, a relacioná-los, a contextualizá-los” (2007, p. 167). Entretanto, Silva acrescenta que:

É preciso apenas que os professores, se apropriem dessa linguagem e explorem com seus alunos as várias possibilidades deste novo ambiente de aprendizagem. O professor não pode ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que seus alunos dominam. Mas cabe a ele direcionar suas aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor (SILVA, 2000, p. 74).

Assim sendo, a forma de aprendizagem por meio das TIC é considerada variada e abrangente, principalmente a partir do uso do computador. Essa aprendizagem pode ser encontrada em diferentes níveis de complexidade, cabendo ao professor passar as várias formas de apreensão da aprendizagem ao aluno. A pedra de toque nesse caso se refere, à maneira como o professor irá reproduzir essa forma de conhecimento.

Em pleno século XXI, não podemos criar um indivíduo tal qual fizera Rousseau em O Emílio da Educação (Laski, 1973). É preciso alargar os horizontes de nossos alunos, e ensinar desde as mais tenras idades a conviver em uma sociedade tecnológica e compreendê-la, principalmente a partir do seu modo de produção.

Na história da humanidade, até nossos dias, várias foram as transformações que ocorreram na sociedade e a maneira pela qual os homens passaram a produzir e a reproduzir sua vida, seja ela política, econômica, social ou intelectual. Essas mudanças ocorreram a partir do momento em que o homem pôde interagir com a natureza, de modo a transformá-la, para atender às suas necessidades.

No entanto, foi a partir da Revolução Industrial, graças ao aperfeiçoamento da maquinaria, que

surgiu a possibilidade de uma nova forma de conhecimento destinado aos trabalhadores. Antes da Revolução Industrial, o trabalhador manuseava apenas um único instrumento de trabalho. Agora, o trabalhador da ordem vigente é obrigado a manipular várias ferramentas, isso porque, segundo Marx,

A máquina, da qual parte a Revolução Industrial, substitui o trabalhador, que maneja uma única ferramenta, por um mecanismo, que opera com uma massa de ferramentas iguais ou semelhantes de uma só vez, e que é movimentado por uma única força motriz, qualquer que seja sua força (MARX, 1985, p. 10).

Assim, a partir de Marx, podemos inferir que, o processo de industrialização e a introdução da maquinaria tornam-se relevantes na Revolução Industrial. A sociabilidade contemporânea segue implacavelmente sob a determinação da sociedade tecnológica, de modo a atender às necessidades mercadológicas. Ou seja, a sociedade do conhecimento passa a exigir um perfil do trabalhador, bem diferente do trabalhador da época da manufatura. Este agora precisa necessariamente ser preparado para atuar diante das exigências do mercado de trabalho.

Pensar o papel da educação na sociabilidade vigente implica, a nosso ver, que se leve em consideração questões importantes como as transformações sociais e econômicas ocorridas em nossa sociedade que, com a consolidação do capitalismo e suas formas recentes, se deram no sentido de manter a reprodução do capital.

Nesse sentido, a instituição escolar contemporânea necessita não somente conviver com outras modalidades de ensino, mas preparar o cidadão e qualificá-lo para que possa ser inserido no mercado de trabalho. É nesse contexto que o professor, diante dessa visão apologética, passa a adquirir um novo papel em nossa sociabilidade. Na visão de Libâneo, o mercado passa a requerer um novo tipo de trabalhador que seja:

- a) mais flexível, polivalente, o que provoca certa valorização da educação formadora de novas habilidades cognitivas e de competências sociais;
- b) levem o capitalismo a estabelecer, para a escola, finalidades mais competitivas com os interesses do mercado;
- c) modificar os objetivos e as prioridades da escola;
- d) produzem modificações nos interesses, nas necessidades e nos valores escolares;
- e) forçam a escola a mudar suas práticas por causa do avanço tecnológico dos meios de comunicação e da introdução da informática;
- f) induzem alteração na atitude do professor e no

trabalho docente, uma vez que os meios de comunicação e os demais recursos tecnológicos são muito motivadores (LIBÂNEO, 2003, p. 52).

Vemos, contudo, que segundo esta lógica a educação funciona sob os ditames do mercado, por meio de práticas empresariais com os conceitos de: qualidade, habilidades, produtividade, competências, entre outros. Com isso ela passa a ser subordinada às configurações e às orientações do mercado de trabalho, apostando na formação de recursos humanos, de forma a integrar o indivíduo de acordo com a lógica capitalista de acumulação.

Obstantemente, não temos por pretensão, adotar aqui uma visão maniqueísta, e colocar a educação como vítima e aceitar de forma passiva as intervenções da sociedade capitalista. Todavia, não podemos considerá-la estática e incapaz de reagir de modo a transgredir os vários mecanismos que nela interferem. Igualmente não temos por pretensão prescrever metas ou receituários que possam balizar e conduzir a uma formação profissional.

Temos por pretensão neste estudo analisar na instituição de ensino, na qual atuamos a relação do professor e suas práticas pedagógicas mediante o uso do computador. Para balizar nosso estudo foi necessário recorreremos a autores como: Masetto (2004), Moran (2007), Silva (2000), Enguita (1993), Castells (1999), entre outros. **1 O CONCEITO DE TIC**

Os conceitos que são atribuídos ao termo tecnologia eles não são uniformes, são múltiplos, na *Wikipédia*, por exemplo, constatamos um conceito mais técnico: “conjunto de recursos tecnológicos e computacionais para a geração e uso da informação”, ou seja, é um sistema organizado para propiciar um conjunto de atividades, por meio dos recursos da informática.

Para Cruz é o conjunto de “dispositivos individuais, como *hardware*, *software*, telecomunicações ou qualquer outra tecnologia que faça parte ou gere tratamento de informação, ou ainda que a contenha” (1997, p. 16). Evidentemente que na nossa forma de sociabilidade, baseada na informação, as TIC passam a imprimir uma nova dinâmica na vida das pessoas e, eventualmente, se constituem em uma realidade transformadora de hábitos, modos de viver e de produzir.

Por sua vez, esta ação transformadora necessita de um constante processo de atualização, o que irá implicar na busca por acessos mais rápidos, para quantidades cada vez maiores de informação. Portanto, aprender a conviver com as TIC é uma tarefa que a sociedade contemporânea nos impõe.

Retornando ao conceito anterior, na esteira desse pensamento Castells, define as TIC enquanto, o “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (*software e hardware*), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica” (1999, p. 67).

As tecnologias da informação e da comunicação causaram uma revolução na forma da sociedade se comunicar. A mediação feita pelo computador tem alterado a organização dos sistemas sociais, políticos, culturais e econômicos, estabelecendo uma nova forma de relação por meio da rede (CASTELLS, 1999).

Contudo, compreendemos que, o domínio da tecnologia, só faz sentido quando se torna parte do contexto das relações estabelecidas entre homem e sociedade. A pedra de toque nesse caso reside no fato de que, ainda não é possível encontrar em nossas instituições a informática incorporada ao projeto político-pedagógico de forma crítica e criativa, de maneira a auxiliar os professores no processo ensino-aprendizagem. Segundo Sader:

A diferença entre explicar e entender pode dar conta da diferença entre acumulação de conhecimentos e compreensão do mundo. Explicar é reproduzir o discurso midiático, entender é desalienar-se, é decifrar, antes de tudo, o mistério da mercadoria, é ir para além do capital (SADER, 2005, p. 18).

Do ponto de vista da abordagem crítica, a tecnologia deveria ser conhecida de forma também crítica, ou seja, apropriando-se dos conhecimentos científicos e tecnológicos que a embasam, ao invés de reduzir o alcance desse conhecimento apenas ao seu domínio prático. Posto isto, estas são, a nosso ver, algumas reflexões iniciais que irão orientar nosso estudo sobre o papel do professor mediante o uso das TIC em sala de aula. **1.1 O (des) compasso entre o professor e o uso das TIC**

Historicamente o professor é posto como responsável pela formação dos indivíduos, formação esta, que se tornou consenso em nossa sociedade, principalmente no meio econômico. Com isto, coloca-se que o professor deverá ter uma formação acadêmica e condições de dominar os aspectos teóricos ensinados na academia, e ao mesmo tempo, os aspectos tecnológicos.

Evidentemente que o professor não é o único agente detentor da informação. Visto que a acessibilidade e a informação dos dados dependem cada vez menos dos professores. Mas é igualmente verdade, que o professor desempenha um papel importante mediante ao uso dessas informações por parte dos alunos.

Isso por que o seu papel se materializa ou deveria se materializar, na dinâmica em ajudar o aluno a interpretar e analisar os dados mensurados e, principalmente a contextualizá-los. Ao fazer uso da tecnologia da informática, no seu processo de ensino de pedagógico, o professor passa a assumir o papel de mediador. entre o que o aluno aprende fora da dependência da escola e o

conteúdo relacionado à sua disciplina.

A formação do professor é muito importante. Ela deve estar balizada não unicamente no uso de elementos tecnológicos. É importante que essa formação se dê no sentido de como esse profissional possa integrar o uso do computador às suas práticas pedagógicas de forma consciente e reflexiva. Frigotto salienta que, “sem uma sólida base teórica e epistemológica, a formação e profissionalização do educador reduzem-se a um adestramento” (1996, p. 95). Acrescenta ainda que:

No âmbito dos processos de produção do conhecimento científico, crítico e dos processos de ensino-aprendizagem, fica incapacitado de perceber que os mesmos se gestam e se desenvolvem a partir de determinações e mediações diversas no plano histórico-social (FRIGOTTO,1996, p. 95).

Compreendemos que a instituição escolar, mediante a função do professor, tem a finalidade de tornar os indivíduos pensantes, capazes de construir elementos que possam ajudar os educados a compreenderem a realidade concreta, além de exercerem condições críticas sobre a sociedade na qual estão inseridos. Para isso, o professor necessitará passar da função de mero transmissor de informação e assumir o lugar de analista crítico de produção das informações. Dessa forma, Libâneo esclarece que,

Quando o professor ensina um tema, uma matéria, ele deverá perguntar a si próprio e aos seus alunos: como os homens e mulheres, na sua prática coletiva nas várias esferas da vida social, intervêm, modificam, constroem esse tema estudado. Qual a sua importância para atender as necessidades das práticas da vida social, como os problemas sociais, o desenvolvimento da ciência e do próprio e aos seus alunos: como os homens e mulheres, na sua prática coletiva nas várias esferas da vida social, intervêm, modificam, constroem esse tema estudado. Qual a sua importância para atender as necessidades das práticas da vida social, como os problemas sociais, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, as necessidades humanas básicas?

O que este tema tem a ver com as contradições sociais, com a dinâmica das relações entre grupos e classes sociais (LIBÂNEO,2003, p. 38).

É possível compreender que, o professor ao omitir-se, ou não ter consciência do seu papel em nossa sociabilidade, estaria corroborando para a manutenção e a criação de uma base para uma

sociedade organizada capaz de não ampliar o debate crítico na sociedade. Isto fica evidenciado a partir das palavras de Perrenoud e Thurler quando afirmam que, “uma prática reflexiva passa por amplos saberes, para não se transformar em um circuito fechado dentro dos limites do bom senso” (2002, p. 20).

Não basta que professores possam dispor em seus estabelecimentos de ensino, dos meios de comunicação e informação, ou de apenas saber manuseá-los. É preciso, contudo, que aprendam a elaborar e intervir na relação professor-aluno de maneira crítica e consciente, por meio do uso das TIC. Não podemos perder o foco que existem várias dificuldades que acabam por inviabilizar o professor a não utilizar as TIC em suas práticas pedagógicas. Dentre elas podemos citar: as condições físicas e estruturais do espaço escolar, condições materiais e, principalmente, a falta de conhecimento relacionado a questão tecnológica.

Não podemos negar que cada instituição escolar, principalmente as que fazem parte da rede pública possuem características não singulares. Ou seja, existem escolas que são dotadas de recursos tecnológicos, entretanto, existem alguns professores não têm condições de fazer uso desse aparato tecnológico. Em relação a esse despreparo por parte dos professores Mercado, adverte que:

É muito difícil por meio dos meios convencionais, preparar professores para usar adequadamente as novas Tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que ele atue no local de trabalho, no entanto, as novas tecnologias e seus impactos na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de professores, e as oportunidades de se utilizarem nem sempre são as mais adequadas á sua realidade e a sua necessidade (MERCADO, 1999, p. 90).

Diante de um volumoso contingente de informação o profissional de educação necessita de maiores informações, entretanto, a maioria encontra-se completamente distante delas. Professor e computador, na maioria das escolas brasileiras, andam em vias diferentes, apesar de o computador ser bastante difundido nas escolas. Em uma pesquisa realizada pela Folha de São Paulo, durante o período de duas semanas, foram feitas entrevistas com vários diretores de escolas em alguns Estados da federação, com a finalidade de analisar o uso dos laboratórios de informática.

Segundo a Folha, a maioria dos gestores relata a subutilização do equipamento por parte dos professores, seja por falta de conhecimento técnico, ou porque as máquinas estão danificadas.

Ainda segundo a mesma fonte “até professores com curso de graduação se dizem despreparados para usar a informática no ensino” (FOLHA, 2009).

Desvelar o uso das TIC, principalmente o uso do computador, é uma tarefa primordial ao professor, já que seu aluno pertence à geração digital, todavia, um número elevado de professores se encontra estagnado no tempo e no espaço. Em relação a essa estagnação vivida pelos professores, Papert, faz menção à parábola que tem muita semelhança com a realidade vivida nas escolas, vejamos:

Imagine um grupo de viajante do tempo de um século anterior, entre eles um grupo de cirurgiões e outro de professores primários, cada qual ansioso para ver quantas coisas mudaram em cem anos ou mais no futuro. Imagine o espanto dos cirurgiões entrando numa sala de operação de um hospital moderno. Embora pudessem entender que algum tipo de operação estava ocorrendo e pudessem até mesmo ser capazes de adivinhar o órgão-alvo, na maioria dos casos seriam incapazes de imaginar o que o cirurgião estava tentando fazer ou qual a finalidade dos muitos aparelhos estranhos que ele e sua equipe cirúrgica estavam utilizando. Os rituais de anti-sepsia e anestesia os aparelhos eletrônicos com seus sinais de alarmes e orientação e até mesmo as intensas luzes, tão familiares às platéias de televisão, seriam completamente estranhos para eles. Os professores viajantes do tempo responderiam de uma forma muito diferente a uma sala de aula de primeiro grau moderno. Eles poderiam sentir-se intrigados com relação a alguns poucos objetos estranhos, poderiam perceber que algumas técnicas-padrão mudaram – e provavelmente discordariam entre si quanto a se as mudanças que observaram foram para melhor ou para pior – mas perceberiam plenamente a finalidade da maior parte do que se estava tentando fazer, e poderiam com bastante facilidade assumir a classe (PAPERT,1994, p. 9).

Apesar das fortes palavras do autor, compreende-se que este profissional não pode continuar sendo o mesmo. Para isso é necessário que ocorram mudanças internas, além de ser imprescindível, que o mesmo tenha condições de rever suas práticas pedagógicas. Queremos enfatizar que somente sua interiorização associada à análise de sua prática pedagógica, não é o suficiente para mudar o caminho do descompasso entre o professor e o uso das TIC (computador), que permeia nossas escolas.

São necessárias mudanças em outras esferas tais como: na própria escola por meio de seu Projeto

Político-Pedagógico, na valorização desse profissional perante a sociedade, na valorização financeira, em melhores cursos de formação destinados a estes profissionais, além de uma boa formação acadêmica.

Não podemos negar que estamos inseridos em uma sociedade que atingiu um elevado grau de desenvolvimento tecnológico, e que nessa forma de sociedade a aquisição de informação pode acontecer e, como ultimamente vem ocorrendo, fora do ambiente escolar.

Não estamos com isso afirmando que o professor tornou-se meramente em uma categoria descartável, pelo contrário, defendemos a ideia de que o professor desempenha importante papel no processo ensino-aprendizagem, em nossa sociabilidade contemporânea. O professor deverá buscar mecanismo capaz de despertar no aluno o interesse para os problemas inerentes à sociedade na qual ele está inserido. Para isso, o professor deverá ter condições intelectuais de pelo menos perguntar por que as coisas são assim?

Mesmo que falte ao profissional o domínio tecnológico em relação ao aluno, a ele não poderá faltar o domínio intelectual e reflexivo. Atuando dessa forma, ele estará propiciando o debate e possibilitando ao educando desvelar o real significado entre o contexto e o conteúdo trabalhado em sala de aula. **2 Metodologia**

Para desenvolver este estudo optamos por realizá-lo por meio da pesquisa qualitativa, de aspecto descritiva, tendo a observação como ponto de partida, para o desenvolvimento de nosso estudo. Para Minayo a pesquisa qualitativa;

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela, trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos á operacionalização de variáveis (MINAYO,1996, p. 22).

Esse tipo de pesquisa nos possibilita lançar mãos de vários procedimentos metodológicos, a fim de alcançarmos uma investigação à base da observação detalhada dos fatos a serem estudados. De modo que, recorreremos ao uso de um questionário composto por 11 perguntas. Elas foram elaboradas mediante a itens que continham perguntas fechadas, objetivando que as mesmas pudessem nos dar respostas objetivas.

Os questionários foram entregues aos professores do curso noturno de uma escola da rede estadual, localizada no município de Rio Largo. De um universo de 20 (vinte) professores que

trabalham no noturno, o questionário foi aplicado com 15 (quinze) profissionais que contribuíram para a realização deste estudo.

Após a observação detalhada e relatos de experiência do público envolvidos mediante o uso de um questionário, as questões analisadas se deram por meio das percepções dos professores entrevistados, o que nos forneceu subsídio para fundamentar o presente estudo.

Segundo Viana apud Oliveira, o olhar do observador deve ser controlado pois:

Apesar de se tratar de ação casual, ou seja, naturalmente somos sempre observadores, temos que nos revestirmos de cuidados técnicos quando nos atribuímos a tarefa de realizar uma observação de caráter científica voltada, especificamente, para coletar dados, comprometendo a cientificidade da pesquisa (VIANA,2003, p. 31).

A priori foi necessário revestirmos de rigor e cautela a fim de que pudéssemos realizar uma observação imparcial. **3 Dizeres dos(as) professores(as) sobre o uso do computador em suas práticas pedagógicas**

Para constatar o distanciamento entre os professores e o uso das TIC (computador) nas práticas pedagógicas desenvolvemos um estudo na instituição de ensino em que atuamos, sobre o uso das TIC, que pudesse nos auxiliar a compreender melhor esse distanciamento. Ou seja, o não uso do computador, como ferramenta capaz de melhorar o ensino-aprendizagem.

Do universo dos 20 (vinte) professores que lecionam no noturno, para nortear nosso estudo trabalhamos com uma população de 15 professores. Para alcançar nosso objetivo, lançamos mão do uso do questionário mediante a exposição de perguntas fechadas e obtivemos as informações abaixo.

Quanto à idade dos entrevistados, 33,33% têm 35 anos; 13,33% têm 38 anos; 13,33% têm 39 anos; 13,33% têm 40 anos; 20% dos entrevistados têm 42 anos e 7% têm 46 anos. Dos 15 professores inquiridos 73% são do sexo feminino e 27% do sexo masculino. Foi indagado também sobre o perfil econômico, e em relação à situação econômica 67%, responderam que recebem de 1 até 5 salários e 33% recebem acima de 5 salários.

Em relação à formação acadêmica e qualificação profissional, 67% dos professores entrevistados responderam que possuíam apenas graduação, e 33% possuem especialização. Foi perguntado aos professores se eles possuem computador. E 73% responderam que sim, 27% dos docentes responderam que não possuíam computador. Mas apesar de possuírem computadores em casa,

60% desses professores afirmaram que não fazem uso dessa ferramenta.

Quando foram questionados sobre o uso do laboratório de informática na escola, um fato nos chamou a atenção, pois 100% dos entrevistados não fazem uso do laboratório de informática. Perguntamos aos professores qual a finalidade do uso do computador em seu dia a dia e, 67% responderam que usavam o computador para buscar informação, e 33% para bater papo.

Foi perguntado sobre o uso do computador enquanto fonte de recursos didáticos, e apenas 40% dos professores responderam que conheciam os recursos que podem ser oferecidos aos seus alunos, 60% disseram desconhecer os recursos que poderiam ser ofertados aos alunos. Questionados sobre quais tipos de mídias eram usadas em suas práticas pedagógicas 67% dos professores responderam que se utilizavam da mídia escrita (livro didático, jornal e revista), 20% responderam que faziam uso da TV, e 13% responderam que faziam uso de outras mídias.

Aos professores foram questionado se eles se sentiam seguros ou inseguros diante do computador, 67% disseram que se sentiam inseguro, e 33% responderam que tinham segurança diante do computador. Por fim, perguntamos a esses profissionais qual a reação diante do computador.

A partir dos dizeres dos professores sobre o uso do computador em suas práticas pedagógicas, um fato relevante nos chamou a atenção. A totalidade dos entrevistados não faziam uso do laboratório de informática da escola com seus alunos. Mediante esse fato, sentimos a necessidade de acrescentar apenas uma questão aberta ao item, "Você usa frequentemente o laboratório de informática de sua escola?

Como 100% dos inquiridos afirmaram que nunca usaram, resolvemos acrescentar à pergunta o seguinte item "por que?

".

Então, constatamos que o laboratório da escola existe desde o ano de 2003, entretanto em suas dependências ainda não foi instalada a internet na escola. Segundo a fala de alguns professores, "um computador que não tem a função de se conectar à grande rede, não tem muita utilidade". Foi também perceptível a partir do acréscimo desse item, que, o fator tempo é considerado como entrave no planejamento dos professores, o que acaba por dificultar a inserção dessa ferramenta, em virtude do horário do noturno ser menor que o diurno.

Observamos outro aspecto que pode ser considerado relevante em nosso estudo para que grande parte dos professores dessa instituição de ensino não façam uso do computador em suas práticas pedagógicas, apesar de não podermos afirmar categoricamente que esse seja o principal fator. O fato reside na idade dos professores. A partir dos dados mensurados observamos que, a faixa etária desses profissionais está entre 35 e 46, anos, o que nos possibilita supor que na formação

acadêmica eles não foram contemplados com os vários níveis de envolvimento tecnológicos.

Portanto, compreende-se que, a formação dos professores no que diz respeito às novas tecnologias da informação, deve ter como questão norteadora não apenas a sua formação inicial, mas principalmente a formação continuada. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da análise das informações obtidas com os professores-atores destes relatos, e o caminho percorrido para tal finalidade, serviu-nos de norte para demonstrarmos que a educação ao longo dos tempos, foi sendo estruturada com a finalidade de atender às necessidades da atual sociabilidade. Isso fica evidenciado a partir da literatura usada ao longo deste estudo. Ou seja, no modo de produção que rege a nossa sociedade, a educação pode ser compreendida enquanto um processo de qualificação do aluno trabalhador, capaz de produzir uma força de trabalho especializada, para atender às necessidades mercadológicas do capital em seu processo de expansão.

Em síntese, a educação no sentido aqui referido nos leva a inferir que, na sociabilidade contemporânea, ela desempenha a função de preparar os futuros trabalhadores para a inserção no mercado de trabalho, por meio da formação escolar. Ao trilhar esse caminho ela irá se descuidar da formação humana no sentido pleno. Compreendemos que, educar em sentido pleno tem por pressuposto a construção da intelectualidade, da individualidade, e de uma verdadeira formação humana.

Ou seja, uma verdadeira formação humana é movida por leis sociais bem distintas das leis que imperam em nossa sociedade. Entretanto, não podemos perder o foco que há vários empecilhos que distanciam o professor do uso do computador nas atividades de suas práticas pedagógicas. Entre eles estão: o medo, a insegurança, as más condições físicas e estruturais, principalmente a falta de conhecimento e domínio tecnológico. Afirmamos isso, de acordo com os dados colhidos e mensurados mediante as respostas dos professores. De maneira que, desvelar o uso do computador é tarefa importante para o professor, isto porque, seus educandos pertencem à chamada geração digital. Entretanto, conforme seus relatos, esses profissionais em sua maioria se encontram estagnados no tempo.

Nosso propósito, neste trabalho, não é fornecer receitas ou fórmulas para solucionar o grave problema que é o distanciamento dos professores do uso do computador em suas atividades pedagógicas. Mas compreendemos que, apesar de todas as limitações existentes na sua formação acadêmica, na estrutura física do espaço escolar e, principalmente, na sua idade em relação à idade de seus alunos, o professor deverá buscar mecanismos que sejam capazes de despertar em seus alunos interesse para os problemas existentes em nossa sociabilidade. E fazer com que ele se

sinta sujeito e participe da sociedade na qual ele está inserido, de forma crítica.

Para isso, é necessário que o professor tenha condições materiais e, principalmente, intelectuais. Deve-se buscar por meio da tecnologia educacional uma mediação entre a prática pedagógica e o uso do computador no processo ensino-aprendizagem.

Concluimos, portanto, que, não é só a carência de recursos materiais que podem explicar o não uso dessa ferramenta enquanto fonte de recurso pedagógico. O maior entrave diz respeito às próprias dificuldades que os professores encontram ao fazerem uso desses recursos. Isso ficou evidenciado nos próprios dizeres dos professores ao responderem ao questionário.

Igualmente não podemos direcionar esse problema que é o não uso do computador pelos professores em suas práticas pedagógicas, atribuindo-lhes exclusivamente a responsabilidade dessa questão. Por meio de uma análise mais profunda, podemos afirmar que as falhas nas políticas públicas destinadas à educação refletem efetivamente na falta de planejamento ordenado e até mesmo na formação inicial e continuada dos professores. Não podemos deixar de levar em consideração, conforme análise do questionário que, a maioria de nossos atores estão atuando no magistério há bastante tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRUZ, Tadeu. *Sistemas, organizações & métodos*. São Paulo, Ática, 1997.

ENQUITA, M. F. *Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1993.

FRIGOTT, G. *A formação e a profissionalização do educador: novos desafios*. In: GENTILI, P. & SILVA. T. (org.). Escola S.A. Brasília, 1996.

LIBÂNEO, J. C. *Educação escolar: políticas, estruturas e organização*. Cortez, São Paulo, 2003.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MASETTO, Marcos T. PBL na educação?

In: ROMANOWSKI, Joana P. MARTINS, P. L. O. JUNQUEIRA, Sérgio R. A. (orgs.) *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação*. Curitiba: Champagnat, 2004.

MÉSZÁROS, I *Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MERCADO, L. P. *A formação continuada de professores e as novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL, 1999.

MINAYO, Maria C. S. (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORAN, José Manuel. *Desafios na comunicação pessoal-gerenciamento integrado da comunicação espacial, social e tecnológica*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. OLIVEIRA, M. A. *O estudo de caso*. Maceió: EDUFAL, 2003. PAPERT, Seymour. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000. PERRENOUD, P e THURLER, M. G. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002. SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo. SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quater, 2000.

* Mestre em Serviço Social – Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail professora_rozilenebelo@hotmail.com

** Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, turma 2016.1. E-mail patymagal@hotmail.com

*** Especialista em Psicopedagogia. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail shirheymartiniano@hotmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: